

PONTO DE VISTA

**A TEORIA E A PRÁTICA NO *ENSINO DA AUDIOLOGIA* NA FORMAÇÃO DO
FONOAUDIÓLOGO**

Cássia Cabrini Junqueira¹
Curso de Fonoaudiologia
Faculdades Integradas de Maringá
Centro de Ensino Superior de Maringá

**THE THEORY AND PRACTICE IN THE TEACHING OF AUDIOLOGY IN THE
PHONOAUDIOLOGIST**

¹ Docente do Curso de Fonoaudiologia –Setor de Audiologia- das Faculdades Integradas de Maringá-Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá-Cesumar. Área de atuação Audiologia Clínica; aluna regularmente matriculada no Curso de Mestrado em Distúrbio da Comunicação da Universidade Tuiuti do Paraná-Curitiba-PR.

Os primeiros Cursos de Fonoaudiologia surgem no Brasil na década de 60. No início desta década, mais precisamente em 1961, é criado, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - USP no Departamento de Otorrinolaringologia e Otorrinolaringologia, o primeiro Curso de Fonoaudiologia junto a Clínica de Otorrinolaringologia, daquele departamento.

BERBERIAN (1993) informa que no mesmo ano é implantada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP o Curso de Fonoaudiologia com duração inicial de um ano, portanto de caráter técnico. A autora lembra o caráter restrito da formação, que era ministrada nesta época –quase remota-, e o que ela acarretava: uma insuficiência de conteúdos transmitidos. Esta insuficiência decorrente principalmente do tempo de duração do curso, um ano, que não permitia que o egresso recebesse titulação de nível.

Na atualidade nota-se uma diferenciação acentuada do quadro inicial, porém não podemos perder de vista o fato de que a Fonoaudiologia é uma área de conhecimento jovem e uma profissão em formação, que se diversifica e se atualiza e não pode prescindir, na sua organização, do conhecimento científico existente e produzido nas áreas correlatas e nem dos avanços tecnológicos que este conhecimento evoca, principalmente nas áreas específicas da formação como, por exemplo, na Audiologia Clínica.

Em relação a esta subárea de conhecimento da Fonoaudiologia FIGUEREDO NETO (1988) afirma que a necessidade do audiometrista foi determinada, inicialmente, pela carência de um profissional para manipular a aparelhagem e auxiliar o trabalho do médico. Hoje, porém, esta especialidade não abre mão de uma formação especializada onde a prática esta vinculada à teoria, ou seja, a leitura, sistemática, da literatura especializada é um princípio básico para a formação do audiometrista.

A audiometria foi evoluindo para adquirir mais dados do que o limiar tonal. Com o passar do tempo, novos exames auditivos foram surgindo, como: Logaudiometria, Imitanciometria, Potenciais Evocados, Emissões Otoacústicas Evocados e os Exames por Imagem Evocados Acusticamente.

Na atualidade, existem inúmeros tipos de equipamentos para exames auditivos que contribuem para uma avaliação auditiva mais eficaz, permitindo a Otorrinolaringologia e a Fonoaudiologia um desempenho de suas práticas e clínicas, mais eficazes.

Com a evolução da tecnologia adquirida e os avanços da pesquisa científica na área de Audiologia, faz-se necessário cada vez mais o conhecimento prévio e aprofundado da anatomia, da fisiologia e da fisiopatologia da audição e dos elementos da acústica e da psicoacústica, disciplinas que fazem parte da formação do Fonoaudiólogo.

O êxito do Diagnóstico Otológico, por exemplo, está vinculado a testes bem elaborados e efetuados

de tal forma que permitam distinguir o acerto do erro estando a exigir do profissional que vai atuar com esta tecnologia uma formação básica específica e especializada.

Para FROTA (1998), a experiência clínica traz atributos inesgotáveis ao Audiologista, porém, ao iniciante, a execução de uma avaliação correta e confiável é possível, desde que cercada de procedimentos e cuidados básicos de uma adequada supervisão, tudo isto parte intrínseca da formação.

Desta forma, ressalta-se a necessidade dos Cursos de Bacharelado para a formação em fonoaudiologia se estruturar cada vez mais, pois se observa que a cada década que passa, novas técnicas são descobertas e necessitam serem aprendidas. Esta parece ser uma observação relevante para o momento.

Porém é SEVERINO (1998) que nos chama a atenção para o fato notável de que, infelizmente, não parece existir no estudante universitário brasileiro a cultura da pesquisa.

Para SEVERINO (1988) a tradição cultural brasileira concede a universidade, a condição de lugar de ensino, onde é exercitada a transmissão de conhecimentos não priorizando a pesquisa. O autor ressalta, ainda, que:

o ensino superior não profissionaliza, não forma, nem mesmo transmite adequadamente os conhecimentos disponíveis no acervo cultural. Limitando-se a repassar informações fragmentadas e a conferir uma certificação burocrática e legal de uma predeterminada habilitação a ser, de fato, testada e amadurecida na prática.(p.)

O autor continua afirmando que a causa principal da insuficiência do processo de ensino/aprendizagem superior brasileiro supõe-se que seja devido à visão distorcida e uma enganosa postura clínica prática (grifo da autora).

Tendo em vista, a nossa prática como professor de Audiologia no Curso de graduação e indo à direção da análise de SEVERINO (1988), percebemos a imensa dificuldade dos alunos no que se refere à capacidade de abstração dos conceitos das áreas das Ciências Exatas, tais como a Acústica e a Fisiocústica, já que utilizam uma linguagem matemática pouco familiar para as Ciências Biológicas e Humanas, muitas vezes considerada difíceis pelos profissionais fonoaudiólogos.

É nessa hora que nós, professores, somos cobrados pelos alunos que reivindicam a priorização da prática, antecedendo assim, a teoria, como se esta (a prática) tivesse um fim em si mesma e pudesse abster-se de um referencial teórico consistente. Isto remete, ainda, a um fator básico e que se vincula aos cursos de formação para o acesso à universidade, os cursinhos, que notadamente evidenciam formulas, técnicas, “pegadinhas”, visando eliminar a barreira do vestibular. O nosso aluno/acadêmico não é preparado para “encarar” uma profissão, mas para vencer um

concurso, uma prova. Lembrando PEREIRA (1990), que enfatiza que;

“Aí passamos a endossar um processo didático-pedagógico em que professores exercem a função de “camelôs do ensino” ou então meros repetidores de apostilas com respostas prontas, bem buriladas. Aí esses “bailarinos” de salas de aula (sobretudo professores de cursinhos) pintam como os grandes renovadores, medida apenas que são bem-sucedidos em seu “strip-tease” didático. Mas quando você assiste a uma segunda ou terceira aula do mesmo professor em classes diferentes, sente que a criação em seu processo reside apenas na mudança da platéia. É como o palhaço que conta a mesma piada e consegue agradar várias vezes porque as platéias são diferentes. Por outro lado a clientela, isto é, os alunos, parecem cada vez mais dispostos ao circo, ao que agrada e não ao pensamento, a crítica. E para estes, o conceito de professor eficiente passa a ser o que dá aulas leves e não cansa, vale dizer, o que não exige labor, pesquisa, articulação teórica. O trabalho teórico da leitura, da pesquisa, da discussão e crítica passa a ser substituído pela “camelagem pedagógica” desse professor-padrão das reformas e endossado pelo comportamento consumista de sua cliente” (p.).

Neste processo de formação do futuro fonoaudiólogo a Audiologia aparece como uma disciplina essencialmente prática, mas, embasada em um corpo de teoria consistente, crítica e científica, e sem essa teoria prévia não se consegue chegar, a um diagnóstico preciso e confiável, pois sem a fundamentação teórica seríamos meros operadores de instrumentos, e não é este o papel da formação universitária.

Atualmente, os equipamentos estão em sua grande maioria utilizando-se dos recursos da informática, o que aumenta ainda mais a importância de uma fundamentação teórica abrangente. Pois cada resultado fornecido por um programa de computador necessita ser analisado e interpretado pelo profissional fonoaudiólogo para só depois então, serem levantadas as hipóteses diagnosticadas.

Não raro nos deparamos, em nossa atividade acadêmica, com situações de insatisfação por parte

de nossos alunos, da graduação, que resistem com certa rebeldia, até! aos ajustamentos efetuados entre a teoria e a prática, pois, existe a necessidade de informá-lo de toda a teoria acerca da disciplina, que na maioria das vezes, sabemos ser cansativa e extensa, mas não menos importante.

Acredito, portanto, que o nosso papel enquanto auxiliares na transmissão do conhecimento, dentro do processo ensino-aprendizagem é o de fazer ajustes constantes durante nossa trajetória na vida acadêmica, com o objetivo de ajudar a criar dentro da Universidade o conceito de que a teoria e a prática caminham juntas, não prescindindo, jamais, esta., do ensino da teoria.

Pois como lembra PEREIRA (1988), não devemos esquecer que em *“qualquer ciência é bem complexa a compreensão lógica do ato teórico da ciência”*. A sua vinculação com o objeto pesquisado – a experiência e a experimentação– na relação direta de causa e efeito é sua principal inovação.

Faz-se necessário enfatizar que a teoria na ciência moderna, apesar de estar fortemente ligada a experimentação, a relação causa-efeito, não anula o seu lado de abstração mental.

Uma das hipóteses, segundo o autor, é que a ciência moderna e sua elaboração teórica dependem do pensamento clássico. Isto quer dizer que, mais uma vez, estamos diante da necessidade da compreensão da lógica clássica, e que, o primeiro passo da ciência moderna, é saber, como se apresentam as relações entre a dedução – indução e análise – síntese.

Basta dizer que *“sem indução–dedução, não se pensa, sem análise-síntese, não se faz experiência. PEREIRA (1980)”*.

Referências

- BERBERIAN, Ana Paula. *Fonoaudiologia e educação*. São Paulo: Revinter, 1993.
- FROTA, Silvana. *Fundamentos em fonoaudiologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1998.
- FIGUEREDO NETO, Lucia E. *O início da prática fonoaudiológica na cidade de São Paulo*. São Paulo: Revinter, 1998.
- PEREIRA, Otaviano. *O que é teoria*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SEVERINO, Antonio. *A universidade, a pós-graduação e a produção do conhecimento*. Curitiba: UTP, 1988.